

ENTRE ESCRUTAS E ESTRATÉGIAS: VIVÊNCIAS DE TUTORIA UNIVERSITÁRIA EM DIÁLOGO COM A SINGULARIDADE DISCENTE

GABRIEL AVILA DE AVILA¹;

ELIZANDRA ROCHA².

¹*Universidade Federal de Pelotas – gabriel13cordas@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – elizandrarocha.nai@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um relato de experiência sobre o acompanhamento de tutoria com uma colega com deficiência intelectual, do Curso de Música da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a partir da Coordenação de Acessibilidade (COACE). O acompanhamento teve como foco o encaminhamento de demandas acadêmicas, partindo de um planejamento que respeitasse as especificidades da estudante.

Ao longo das aulas e tutorias, observei que, embora a estudante apresentasse grande potencial de aprendizagem e engajamento, enfrentava barreiras atitudinais significativas no ambiente acadêmico. Em determinados momentos, professores e colegas demonstravam pouco interesse ou iniciativa em incluir sua participação nas atividades de sala, configurando situações de segregação velada. Tais práticas, ainda que não explicitamente excludentes, resultaram na diminuição de oportunidades de interação, escuta e troca de saberes.

Assim, neste trabalho, objetiva-se relatar experiências de tutoria com uma estudante com deficiência do Curso de Música, com os registros do Caderno de tutoria e anotações do Relatório periódico de tutoria da COACE. Tendo como fio condutor desta escrita a experiência vivida nas tutorias e aulas com a colega em questão, além de leituras focadas na educação de Paulo Freire e Moacir Gadotti

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Os encontros de tutoria foram realizados semanalmente, ao longo dos semestres de 2024/2 e 2025/1 nas dependências da UFPel. A cada encontro eram realizados registros intitulados como Caderno de Tutoria (caderno pessoal) e Relatório periódico de tutoria do COACE (registro obrigatório de tutores), produzindo anotações sobre desempenho, estratégias utilizadas e percepções da colega, de modo a orientar as próximas etapas de estudo.

O planejamento de cada encontro era construído a partir das demandas e objetivos específicos da estudante, levando em consideração o conteúdo trabalhado nas disciplinas do curso de Música, especialmente nas áreas de percepção musical e solfejo¹, tanto melódico como rítmico. As atividades também incluíam diálogos sobre os conteúdos e momentos de revisão. Além disso, ao conhecer a colega nos encontros de tutoria, percebi que ela demonstrava

¹ Solfejo melódico envolve a execução de leitura e entoação de notas em alturas específicas.

Solfejo rítmico envolve execução de ritmos e leitura de figuras com durações de tempo específicas. Esses elementos estão presentes em qualquer partitura que pode ser utilizada, tanto para estudo como performance. Ver mais em: POZZOLI, 1983.

afinidade com o piano e canto. Assim, decidi propôr exercícios que incluíam os interesses de estudo da colega.

Na maior parte das tutorias utilizei o piano como forma de aproximação das demandas acadêmicas, o que tornou a nossa interação muito mais orgânica e possibilitou uma recepção positiva às atividades propostas. O piano também funcionou como estratégia para possibilidades de desenvolvimento, como por exemplo na pronúncia de fonemas específicos para realização dos solfejos e na compreensão de altura dos sons (grave e agudo).

Conforme o decorrer dos encontros fui aprendendo a construir um ambiente que acolhesse as especificidades da colega e que fosse seguro para ela se expressar dentro de sua singularidade. Por conta disso percebi que ela se sentia cada vez mais confiante de solfejar, executar peças no piano e até mesmo de conversar comigo, o que reforça o pensamento de Paulo Freire ao dizer que:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (Freire, 1996, p.12).

A estudante apresentou uma crescente no seu desempenho dentro da universidade. Houveram situações onde os professores não demonstraram preocupação com os prazos de entrega de trabalhos e também sugeriam que ela fizesse as avaliações de forma remota. Tais acontecimentos trazem à tona a memória do dia em que ela optou por realizar as provas presencialmente, o que transparece coragem e confiança, mas também total domínio do assunto, gabaritando a avaliação.

Assim, percebo que trabalhando com o respeito como via de mão dupla na dinâmica tutor colega e colega tutoranda, reconhecendo a importância de ambas as partes para construção do saber e tendo em vista que o conhecimento não é transferido mas sim manejado em uma troca interpessoal e livre de conduções hierárquicas de relacionamento, é possível ascender dentro do que já se tem empiricamente e romper com eventuais barreiras impostas.

Quando surgiram comentários, como o de que “a colega não afina”, pensávamos em outras possibilidades, adaptando os exercícios de solfejo e experimentando repertórios que valorizassem sua expressão vocal e sua afinidade com o piano.

Essas estratégias afirmam que o conhecimento empírico da estudante se torna um ponto de partida essencial para a construção coletiva do saber. No entanto, em diálogos com professores, pude perceber que os conhecimentos prévios dela não pareciam ser considerados para os momentos de planejamento e elaboração de exercícios.

Em “O Pensamento pedagógico brasileiro”, Gadotti (1991) revela acerca da educação problematizadora de Freire, uma “relação dialógico-dialética entre educador e educando: ambos aprendem juntos” (p.29). Assim, venho propondo encontros baseados na escuta ativa e reconhecimento dos saberes da colega.

As tutorias, então, deixaram de ser apenas momentos de reforço de conteúdos para se tornarem espaços de diálogo e invenção, onde o saber acadêmico se encontrava com os saberes de vida da colega, gerando um espaço de aprender mas também de reconhecer que a diferença é potência e não obstáculo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse trajeto percorrido como tutor e colega da estudante, tive maior consciência das barreiras impostas segundo o que se esperava do potencial dela, assim como a segregação velada em seu cotidiano.

Logo, ao observar essas situações, pude perceber que a estudante apresenta especificidades que não inviabilizam seus estudos, e os recursos utilizados nas tutorias, como o piano e o canto, apenas potencializam a aprendizagem.

Ao longo desses encontros, percebi que a música se tornava, para além de um conteúdo, um espaço de pertencimento para a colega. E as conquistas durante o semestre eram celebradas coletivamente, pois representavam não apenas avanços técnicos, mas a reafirmação de que o aprendizado se desenvolve quando há escuta e respeito. Assim comproendo que é necessário romper com concepções que só reforçam a segregação da colega em sala de aula e a negação de seus conhecimentos, e reconhecer que cada pessoa vivencia uma forma de ser e estar no processo de aprendizagem.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

GADOTTI, Moacir. **Pensamento Pedagógico Brasileiro.** 4^a ed. Editora Ática S.A.: São Paulo, 1991.

POZZOLI, Ettore. **Guia teórico-prático para o ensino do ditado musical:** Partes I & II. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1983.